



# XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

**INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E ARQUIVOS: RELAÇÕES COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**INFORMATION, MEMORY AND ARCHIVES: RELATIONS WITH THE INFORMATION SCIENCE**

Aline da Mata Daudt - Universidade Federal Fluminense  
Vitor Manoel Marques da Fonseca - Universidade Federal Fluminense  
Elisabete Gonçalves de Souza - Universidade Federal Fluminense

**Modalidade: Resumo Expandido**

**Resumo:** Objetiva articular os conceitos de memória social e informação por meio de discussão teórica. Pressupõe a existência de relações disciplinares entre a ciência da informação e a arquivologia, além de compreender os arquivos como responsáveis por sistemas de informação e como lugares de memória. Justifica-se por apresentar uma perspectiva de entendimento da construção da memória social nos arquivos, a partir do relacionamento com o conceito de informação, no âmbito das discussões da ciência da informação. Diante do proposto, permite inferir que a memória social, reconstruída a partir dos documentos de arquivo, enquadra-se no conceito de informação-como-coisa.

**Palavras-Chave:** Arquivos. Memória social. Sistemas de informação. Informação-como-coisa. Ciência da informação.

**Abstract:** *It aims to articulate the concepts of social memory and information through theoretical discussion. It presupposes the existence of disciplinary relations between information science and archival science, as well as understanding archives as responsible for information systems and as places of memory. It is justified by presenting a perspective of understanding the construction of social memory in archives, based on the relationship with the concept of information, in the context of discussions of information science. Given the proposed, it allows to infer that the social memory, reconstructed from archival documents, fits in the concept of information-as-thing.*

**Keywords:** *Archives. Social memory. Information systems. Information-as-thing. Information science.*

## 1 INTRODUÇÃO

Existem diferentes entendimentos sobre as temáticas de memória e informação. Tal situação torna, por vezes, muito amplas as possibilidades de entrelaçamentos dessas questões, principalmente se a opção for o estabelecimento de conexões entre a ciência da informação e a arquivologia, entendendo memória e informação como pontos que perpassam essas duas áreas.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho encontra sua justificativa também na possibilidade de vincular a ciência da informação e as instituições que podem ser

caracterizadas como lugares de memória, especificamente aqui os arquivos<sup>1</sup>, como espaços<sup>2</sup> característicos de atuação da arquivologia, partindo-se do pressuposto que essas áreas estabelecem relações disciplinares<sup>3</sup>

Assim, apoiada em dois textos clássicos, escolhidos por serem recorrentes na abordagem de tais temáticas no âmbito da ciência da informação, que é de onde se originam nossas considerações, propõe-se uma discussão teórica acerca da memória social e da informação com base em Nora (1993) e Buckland (1991) respectivamente.

Entende-se que pode haver diferentes interpretações sobre os textos abordados e que essa é só uma das possíveis. Isto posto, não há o propósito de assumir essa exposição como definitiva, desejando-se somente relacionar as categorias apresentadas com base nas características que os textos selecionados lhes reconhecem e nas delimitações apresentadas. Espera-se, assim, contribuir, de forma inicial, para uma perspectiva de visualização das relações entre os termos escolhidos e entre a ciência da informação e a arquivologia.

## 2 SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E A INFORMAÇÃO-COMO-COISA

Buckland (1991, p.351, tradução nossa) afirma que “Qualquer que seja o sistema de armazenamento e recuperação da informação necessita da 'informação-como-coisa'.” Por isso, para trazer para a área dos arquivos o conceito de informação-como-coisa da ciência da informação, buscou-se uma conceituação de sistema de informação na literatura dessa área.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> A ideia de que os arquivos são lugares de memória, como na acepção de Pierre Nora, é discutida por quem defende que necessariamente esse *status* seria fruto de uma visão aurática também percebida afetivamente pela sociedade. No entanto, a isso pode ser contraposto o fato de que tal percepção é histórica, e não necessariamente constante com a mesma intensidade e para a sociedade como um todo.

<sup>2</sup> “São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal é serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre.” (NORA, 1993,21-22, grifo nosso)

<sup>3</sup> Admite-se que há discordâncias sobre quais são os limites desse relacionamento na literatura das áreas. No entanto, não é objetivo deste trabalho discuti-las.

<sup>4</sup> Ainda que se reconheça haver reflexões no âmbito da própria arquivologia sobre os arquivos enquanto sistemas de informação, preferiu-se utilizar definição encontrada na literatura da ciência da informação por ter se originado nesta área a proposta de relação entre as categorias de informação e memória aqui apresentadas.

De acordo com González de Gómez (1990), o conceito de sistema oferece um modelo homogenizador para os fenômenos de diversas disciplinas no contexto da expansão da racionalidade moderna. O sistema de informação emerge como um modelo para domínios já existentes e institucionalizados, como bibliotecas e arquivos, bem como para outros posteriormente formalizados. Para essa autora, “O sistema resulta de uma ação intencional, planejada sobre um processo de comunicação de conhecimentos que normalmente lhe precede.” (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 1990, p. 118). Efetiva-se a partir de uma modelização planejada para controle de variáveis de um processo, visando um fluxo desejável de informação entre geradores e usuários (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 1990).

Assim, entendendo que Buckland (1991) situa a ideia de informação-como-coisa nesse contexto, ele categoriza os grupos de usos do termo informação. O autor propõe três principais variedades de usos do termo informação: informação-como-processo, informação-como-conhecimento e informação-como-coisa.

Ele também afirma que somente o exame da categoria de informação-como-coisa pode vir a trazer algum sentido para a ciência da informação. O texto de Buckland (1991) prossegue no intuito de esclarecer o significado dessa categoria de informação em relação aos outros usos identificados, de modo a compor a regra fundamental dessa noção no sistema de informação e examinar sua utilização enquanto categoria conciliadora de campos da ciência da informação.

O conhecimento (informação-como-conhecimento) seria o resultado de um processo de comunicação (informação-como-processo) a partir da informação física (informação-como-coisa), ou seja, aquilo que pode ser manipulado, armazenado e recuperado. Segundo o autor, é razoável tomar a informação como evidência porque a evidência depende da percepção dos seres humanos para que possa vir a alterar o que acreditam saber. Dessa forma, qualquer representação carece de uma forma tangível e essas representações do conhecimento são, necessariamente, informação-como-coisa.

O entendimento da informação como evidência e de coisas<sup>5</sup> com potencial informativo abarca, nesse escopo, dados, textos, documentos e objetos e, finalmente, eventos. Mas Buckland (1991) se detém em explicar mais largamente os objetos e eventos por não concordar em limitar “informação” a dados e documentos. Explicita que ser

---

<sup>5</sup> Entende-se que o autor utiliza a denominação coisa em associação ao termo informação-como-coisa e para situar que há uma ampliação no escopo do que pode ser considerado informativo.

informação é situacional<sup>6</sup> e que o potencial informativo depende do olhar de utilidade e representatividade de alguém sobre qualquer coisa, fazendo como que ela adquira *status* de informação. É, pois, uma questão que depende de julgamentos individuais, subjetivos e consensuais.

Sobre o processo de criar e utilizar a informação-como-coisa, Busckland (1991) destaca os limites que envolvem as representações das informações nos sistemas documentários, caracterizando-as como possivelmente incompletas, construídas por conveniência, que funcionam como substituições do evento ou do objeto, com a possibilidade de serem repetidas indefinidamente e de serem, comumente, mais breves do que o que se está querendo representar. Isso ocorre porque os registros documentários, assim como os sistemas de informação nos quais são inseridos, são construções sociais e, como tais, expressam uma determinada forma de compreender a realidade.

### 3 MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E DOCUMENTO

Pode-se entender, de acordo com Pierre Nora (1993), os arquivos como “lugares de memória”. Segundo o autor, a instituição destes “lugares” revela o fim de uma tradição, de uma memória vivida interiormente, espontânea, individual e subjetiva. Eles surgem do sentimento de perda da memória viva e da necessidade de construir um estoque material de tudo aquilo que uma coletividade estabelece como necessário ser lembrado, e isso se dá de forma deliberada por meio de suportes externos e referenciais tangíveis, como os documentos.

O autor fundamenta sua explicação sobre os lugares de memória na distinção e nas características desses dois tipos de memória. Assim, interessa-nos o segundo tipo, o qual diz respeito à memória tangível e acessível a partir desses espaços. O que hoje se chama de memória é considerada memória indireta, porque é atravessada por um processo de mediação e transformação por sua passagem à história. É, ao contrário da memória verdadeira, voluntária e deliberada, não mais espontânea – trata-se de uma memória

---

<sup>6</sup> A dimensão situacional da informação também é discutida por Ortega e Lara (2013) que, apoiadas nos estudos de Meyriat (1981), chamam a atenção que as obras materializadas em artefatos (livros, postais, etc.) não são criadas com a intenção de tornarem-se documentos, mas poderão ser se forem utilizados como tal. Significa dizer que, tal como postula Buckland, qualquer “coisa” pode vir a ser um documento desde que aquele que busca a informação lhe atribua significação erigindo-o em suporte de mensagem (ORTEGA; LARA, 2013).

arquivística (NORA, 1993).

É caracterizada por ser material e externa àquilo que é considerado necessário ser lembrado, deslocada dos grupos e do geral para ser convertida em individual e privada, passando da esfera da repetição para a da rememoração. Como já não está em todo lugar, a tarefa de lembrar-se é agora uma decisão da qual os indivíduos devem encarregar-se solitariamente. É por causa desse distanciamento, dessa descontinuidade, que para se alcançar o passado, é necessário representá-lo, como algo pontual, seletivo, característico de uma amostragem (NORA, 1993).

Essa memória foi despojada das práticas sociais e autonomizada por meio das instituições como museus, arquivos, bancos de dados etc. A necessidade de registro e guarda da memória acaba por liquidar a verdadeira memória que não está submetida a essa dinâmica. O registro acaba por enquadrar uma memória exterior, a qual é interiorizada por uma obrigação, uma vez que já não é mais vivida na dinâmica social (NORA, 1993).

Quando se passa para o campo da mediação, da distância, e não mais da vivência da memória, o domínio passa a ser da história. É, portanto, sob a perspectiva de uma memória histórica que se criam os lugares de memória, de acordo com Nora (1993).

O confinamento da memória em lugares específicos, como os arquivos, é uma característica das sociedades modernas, consideradas sociedades de história, em contraposição às sociedades tradicionais, em que a memória era vivida. Mas o que distingue a sociedade atual nesse quesito? É o reconhecimento dos homens enquanto agentes de mudanças. Assim, reafirmamos esse papel pela ruptura com o passado e o olhar na construção de um futuro: a história é "[...] o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança." (NORA, 1993, p.8).

Sob esse olhar, os arquivos denotam uma “[...] secreção voluntária e organizada de uma memória perdida” (NORA, 1993, p.16). Tornam-se, portanto, característicos de uma época que simboliza a necessidade de uma memória exterior pela sensação de ruptura e descontinuidade com o passado. Além disso, são entendidos como lugares duplos, por encerrarem em si certa identidade, ao mesmo tempo em que são abertos a distintas significações, pelas recriações possíveis originadas das análises de seus objetos.

Cabe ressaltar que, em Nora (1993), para ser lugar de memória, há que existir a vontade de memória, a qual possibilita materializar o imaterial e concluir com o mínimo de sinais o máximo de sentido. Os lugares de memória representam um recorte no espaço-

tempo, no qual tudo tem sentido, alcançável na sua empiricidade mais imediata, pois permitem a recriação de um objeto que não mais pode ser alcançado dado que "A história é nosso imaginário de substituição." (NORA, 1993, p. 28).

#### **4 RELAÇÕES COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

As comparações da memória histórica com o conceito de informação-como-coisa restringem-se a compreender a construção da memória no contexto de sistemas de informação. Dessa forma, assume-se aqui como pressuposto as relações disciplinares entre a arquivologia e a ciência da informação e a compreensão dos arquivos como sistemas de informação e lugares de memória. Nesse sentido, o acesso à memória, possibilitado por esses lugares de memória, como os arquivos, é realizado a partir da organização dos sistemas de informação em cada uma dessas instituições.

Nora (1993, p. 21) faz a distinção entre a memória tradicional e a memória "tragada pela história". Essa última, possível de ser acessada por meio de suportes exteriores eleitos para preservação do passado. Para Buckland (1991), a informação-como-coisa é representação tangível capaz de ser manipulada, operacionalizada, armazenada e recuperada por sistemas de informação. Em ambas as caracterizações têm-se à disposição aquilo que é material e tangível. Na dialética da memória a organização do tangível não exclui a dimensão simbólica, aurática, que se cerca aos lugares de memória, mesmo quando representados pelos sistemas de informação, ou quando seus documentos são desmaterializados pelos processos de digitalização (objetos digitais).

Nota-se que Buckland (1991) atribui ao usuário – pessoas e entidades envolvidas nos processos de produção e uso de informação – a responsabilidade de erigir um objeto como documento ao lhe atribuir um valor informacional, o que lhe confere caráter subjetivo e de representação. Em Nora (1993), é a partir do olhar do hoje que o objeto de memória ganha novo sentido para além daquele que tinha originalmente – florescimento imprevisível das ramificações de sentido permitidas pelos lugares de memória (NORA, 1993). Nas duas abordagens, pode-se visualizar a construção do valor de informação/memória a partir de uma determinação externa à coisa em si, marcada por interpretações posteriores.

Somam-se às reflexões de Nora (1993) as análises de Rouso (1996), de que não se deve pensar documento fora da pergunta e do olhar do historiador, porque esse profissional

vai deixar uma marca, uma interpretação, em virtude da sua mediação. O mesmo problema envolve os documentos que permanecem em arquivos e nos demais lugares de memória: são frutos de uma seleção anterior, e é sob essa condição que são inseridos em sistemas de informação, escolhidos para alguma investigação acerca do passado. Sua informatividade depende do ponto de partida de quem os busca para responder seus questionamentos ou estruturar uma narrativa, a partir de uma demanda que se apresenta no/pelo presente.

Com o desaparecimento da memória tradicional, vivida e narrada, Nora (1993) afirma haver a necessidade de acumular todo o tipo de estoque material, tendo em vista ser impossível prever do que será necessário lembrar-se. A partir dessa explicação, pode-se fazer o relacionamento dessa percepção com duas questões referentes à informação-como-coisa proposta por Buckland (1991). Primeiro, pela impossibilidade de delimitar o que pode ser informativo ou não. Em segundo, pelo caráter de evidência, que implica passividade, categorização, interpretação e previsibilidade de uso. Dessa forma, nessa perspectiva, a memória histórica é acumulada, selecionada, estocada segundo a possível necessidade de rememoração posterior. O documento/objeto/evento encontra seu significado porque é eleito como potencialmente representativo de algo, no caso, o passado.

Ao se pensar esses fatores na organização de sistemas de informação, já que são construídos a partir de um caráter intencional e planejado, identificado em Nora (1993) como a “vontade de memória”, o fluxo desejável de informação dentro de um determinado segmento pode vir a ser produtor de esquecimentos ou de manipulação do potencial informativo e da memória disponibilizada, por exemplo, através da sua descrição.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enquanto Buckland (1991) traça características de usos da informação para mostrar qual delas seria a opção viável para se estabelecer como conceito agregador do campo da ciência da informação, Nora (1993) traz a distinção entre memória tradicional e memória histórica para entendimento do que são os lugares de memória. A partir, principalmente, das reflexões desses dois autores, foi possível estabelecer relações da memória histórica com a definição de informação. A premissa de possibilidade de relacionamento do conceito de informação trazido por Buckland (1991) e do conceito de memória histórica explicado por Nora (1993) se comprova por ser a informação-como-coisa a "única forma de informação

diretamente tratada pelos sistemas de informação” (BUCKLAND, 1991, p.359, tradução nossa) e, se entendermos os arquivos como sistemas de informação responsáveis pela geração, coleta, armazenagem, organização, representação, recuperação e disseminação de informações, a memória reconstruída, a partir desses suportes, pode ser considerada informação-como-coisa, pois consagra a monumentalização do documento.<sup>7</sup>

Considerando as limitações próprias de um trabalho que se propõe a comparar dois termos específicos, e não obstante o reconhecimento dos diversos entendimentos possíveis sobre memória, informação e arquivos como sistemas de informação e instituições, pode-se estabelecer a identificação da memória nos arquivos sob o espectro da ciência da informação a partir de um dos muitos conceitos de informação que estão presentes na área.

A fim de que se possa estabelecer melhor sistematização conceitual do campo informacional, estudos podem ser realizados no intuito de visualizar se a categoria informação-como-coisa pode ser utilizada para harmonizar conceitos de outras áreas que transitam no campo da ciência da informação, colaborando, dessa forma, para diálogos disciplinares mais lineares e integradores.

## REFERÊNCIAS

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [S.l.], v.45, n.5, p.351-360, 1991.

GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélide. O objeto de estudo da ciência da informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**. Brasília, 19 (2):117-22, jul./dez. 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2005. p.535-549.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, out. 2012.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez. Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6. **Anais...** São Paulo, 2008.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, FGV, v. 8, n. 17, 1996.

---

<sup>7</sup> No sentido apresentado por Le Goff (2005, p.535), “[...] o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.”